

VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR: OS IMPACTOS NOS ALUNOS

Nathalia Rizo Lacerda¹, Rafaela Barros Rocha¹, Vanessa Rodrigues dos Santos¹, Luana Bastos do Nascimento Rosa²

1- Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix

2- Mestre em Educação – Professora Multivix – Serra

RESUMO

Este estudo analisa questões relacionadas com a violência no contexto escolar, colocando em discussão a centralidade de que a escola é um local de formação humana, sendo necessário problematizar esse fenômeno em um contexto social e político. Como problema, busca responder a seguinte questão: quais os impactos da violência física e psicológica nos alunos no ambiente escolar? O objetivo evidencia compreender os impactos da violência física e psicológica nos alunos no contexto escolar. Para isso, buscou-se estudar o conceito de violência, que também possibilitou compreender como a violência acontece no âmbito escolar. Esta pesquisa também discute os aspectos sociais e as causas da violência escolar, evidenciando grande influência sobre o atual cenário. Refletir sobre a relação família-professor-aluno também se fez necessário diante desta problemática, onde foi possível citar estratégias de intervenção e prevenção que escola e pais podem utilizar. A metodologia adotada refere-se a uma pesquisa que recorre a fontes bibliográficas, baseado em um caráter qualitativo. Como resultados, identifica, no que tange à discussão dos estudos realizados, diversos impactos nos alunos inseridos em um contexto de violência escolar, como baixa autoestima, ansiedade, estresse, transtornos emocionais, comportamento antissocial, dificuldade de relacionamento, além dos impactos acadêmicos, como evasão escolar, perda de interesse e prejuízos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Violência; Violência Física e Psicológica; Violência Escolar.

INTRODUÇÃO

A temática da violência escolar tem provocado uma série de reflexões no meio social e acadêmico. A violência adentrou os portões das escolas e tem assustado grande parte dos alunos, professores, funcionários e familiares.

Peralva (1997) afirma que o Brasil registrou um aumento da violência no período de consolidação da democracia desde 1980, com a disseminação de várias formas de delinquência, criminalidade e práticas de justiça fora da lei, principalmente nos centros urbanos. De acordo com Peralva (1997), os reflexos

se fizeram sentir também na escola, como a indisciplina, descumprimento de tarefas, brigas verbais e físicas, que antes eram fatos corriqueiros, hoje tomam outra direção e significação.

Segundo Araújo e Garcia (2019), a violência física e psicológica no ambiente escolar é definida como qualquer comportamento intencional que cause ou possa causar danos físicos, emocionais ou psicológicos a um estudante.

Para os autores acima, a violência física é caracterizada por agressões físicas diretas ou indiretas, como socos, chutes, empurrões, puxões de cabelo, entre outras formas de violência que possam causar danos físicos. Já a violência psicológica, os mesmos afirmam que é caracterizada por comportamentos que causam danos emocionais e psicológicos, como humilhação, intimidação, exclusão social, insultos, ameaças e discriminação.

Segundo Colombier, Mangel e Perdriault (1989), professores e demais educadores sentem-se desorientados, sem saber como evitar o reforço dessas atitudes agressivas nesses alunos que são atingidos eles próprios por sua violência, que os tornam destruidores, revoltados ou mesmo submetidos até a inexistência. Para a referida autora, a não intervenção e o não fazer nada só trará consequências catastróficas, pois a ausência de lei é o caminho do fim.

Como é possível perceber nas mídias atuais, as escolas têm se tornado um local de medo e insegurança. Afirmativa que justifica a pesquisa, portanto, pela necessidade de compreender os impactos da violência física e psicológica nos alunos, pois sabe-se que a violência pode prejudicar o aprendizado e o bem-estar dos mesmos, além de gerar um clima de tensão e hostilidade que afeta toda a comunidade escolar. Sendo assim, este trabalho pode contribuir de maneira positiva tanto para a sociedade quanto para o meio acadêmico, despertando o olhar crítico do leitor acerca do tema abordado.

Diante do exposto, o problema levantado nesta pesquisa deu-se através da seguinte indagação: **quais os impactos da violência física e psicológica nos alunos no ambiente escolar?**, considerando que se faz necessário uma maior atenção, isto é, um olhar atento para a relação professor-aluno, para

a maneira como o ensino está sendo ministrado, para as relações de sociabilidade existentes fora e dentro da escola.

Desta forma, delineou-se como objetivo geral compreender os impactos da violência física e psicológica nos alunos no contexto escolar. Sendo que para atingir este objetivo, também foram traçados objetivos específicos, sendo eles: estudar o conceito de violência, apontando os tipos de violência que ocorre na escola; discutir sobre os aspectos sociais e as causas da violência no ambiente escolar; refletir sobre a relação família-professor- aluno no contexto de violência dentro da escola.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi o de revisão bibliográfica baseado em uma pesquisa qualitativa e descritiva, que para Gil (2002), é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para o procedimento de coletas de dados foram utilizados locais de busca como livros, artigos científicos, Google Scholar, Scielo, entre outros sites eletrônicos.

REVISÃO DA LITERATURA

No decorrer da revisão da literatura, este trabalho abordará o conceito de violência, um importante passo na pesquisa a fim de compreendermos com mais clareza sobre a violência escolar, que pode ser considerada como toda ação ou omissão que cause ou vise causar dano à escola, a comunidade escolar ou a algum de seus membros.

Esta pesquisa também abordará as possíveis causas da violência na escola, com ênfase nos aspectos sociais. Pois se faz necessário considerar o fenômeno da violência a partir de perspectivas sociais e políticas. Diante disso, a violência escolar não pode estar vinculada a um único fator, já que envolve o espaço social onde a escola está inserida, a situação familiar dos estudantes e as ações do poder público para com a educação.

O problema da violência nas escolas também está relacionado a questões de aspectos familiares e o contexto social onde está inserida a escola. Portanto, no decorrer da revisão, o leitor terá acesso ao capítulo que reflete sobre a relação

aluno-escola-família. Pois sabe-se que dentro do próprio ambiente familiar ocorrem violências, como a negligência e o abandono das crianças, fazendo com que as mesmas se sintam rejeitadas, nutrindo um sentimento de revolta manifestado de forma agressiva nas escolas, além de refletir no desenvolvimento psicológico e emocional, afetando também o desenvolvimento escolar.

Por final este trabalho propõe compreender os impactos da violência física e psicológica nos alunos. Quando todos compreendem, portanto, o contexto de violência no ambiente escolar através de informações e estudos relevantes, torna-se mais fácil a utilização de ferramentas para lidar com a problemática.

CONCEITO DE VIOLÊNCIA E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Diversos estudos têm procurado explicar sobre a violência, entre estes estudos pode-se destacar os trabalhos desenvolvidos por Abramovay (2002), Houaiss e Villar (2001), Ferreira (2010), Barbosa (2021), entre outros. Este interesse decorre do fato desta temática trazer implícito um problema que tem preocupado a sociedade de maneira geral. Neste sentido, para compreender melhor sobre a violência escolar, considera-se importante a definição do vocábulo *violência*.

Barbosa et al. (2021, p. 16 apud SHELB, 2002) conceitua a violência como “toda ação ou omissão que priva uma pessoa dos seus direitos fundamentais, ou seja: toda ação: todas as ações de violência têm como ponto comum serem provocadas pelo uso abusivo do poder que uma pessoa tem sobre a outra”.

Houaiss e Villar (2001) também reforçam que violência é a ação ou efeito de violentar, de empregar força física contra algo ou alguém; é definida, ainda, como intimidação moral contra alguém, ato violento, crueldade ou força.

De acordo com Ferreira (2010), é de plena importância observar que o termo expressa significados de inclinação nitidamente negativa, ou seja, liga-se ao ato de constranger fisicamente ou normalmente, a presença da expressão uso da força.

Para fundamentar a discussão sobre a violência, Abramovay (2002, p. 27-28) nos apresenta três classificações sobre a violência,

[...] a violência direta se refere aos atos físicos que resultam em prejuízo deliberado à integridade da vida humana [...] envolve todas as modalidades de homicídios (assassinatos, chacinas, genocídio, crimes de guerra, suicídios, acidentes de trânsito e massacres civis). A violência indireta envolve todos os tipos de ação coerciva ou agressiva que implique prejuízo psicológico ou emocional [...]. A violência simbólica abrange relações de poder interpessoais que cerceiam a livre ação, pensamento e consequência dos indivíduos.

Para Tomkiewicz (1997, p. 310) a violência que acontece na escola é denominada violência institucional, sendo definida como “toda e qualquer ação cometida dentro da instituição ou toda ausência de ação que cause à criança um sofrimento físico ou psicológico inútil bloqueie seu desenvolvimento futuro”.

Segundo o autor acima, qualquer instituição, como hospital, família, delegacia centros destinados a proteger o sujeito ou qualquer outro tipo de instituição educativa podem em alguns casos cometer violência institucional.

Arrúa et al. (2019, p. 172) conceitua a violência escolar como “conduta de perseguição física e/ou psicológica que um estudante ou aluno contra outro que escolhe como vítima de repetidos ataques, tais violências freqüentemente incluem comportamentos de várias naturezas”

A violência na escola, fenômeno que tem se manifestado em nível mundial, apresentam sérias implicações para a vida em geral e para a prática pedagógica em particular. A violência, por exemplo, tem se apresentado como um fenômeno que se observa com frequência crescente em todos os domínios da vida social, inclusive na escola. Deparamo-nos com professores e alunos que vivenciam no seu cotidiano diferentes formas de violência, assumindo posturas de grande perplexidade (DUARTE, 2000).

Abramovay (2006), em seu livro *Cotidiano das escolas: entre violências*, abrange os seguintes tipos de violência neste contexto: agressões verbais, ameaças, agressão física, discriminação racial, armas na escola, furtos/roubos e a violência trans-muros como invasões, gangues e tráfico.

No que se refere aos tipos de violência escolar, é possível identificar a: violência contra o patrimônio que é praticada contra a parte física da escola;

violência doméstica praticada por pessoas próximas à criança ou adolescente; violência simbólica que pode ser considerada como a violência que a escola exerce sobre o aluno quando anula a capacidade de pensar e tornar um ser capaz somente de produzir; violência sexual vista como assédio sexual, intimidação sexual, olhares, comentários obscenos; racismo que é o preconceito e/ou exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele; bullying que pode ser praticado através de ofensas, disseminação de comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas; violência física que se configura em brigar, bater, espancar, matar, assaltar, entre outros (ABRAMOVAY, 2002).

Abramovay (2006, p. 178-179) aprofundou sua pesquisa e através de depoimentos de alunos obteve o seguinte registro relacionado a agressões físicas de alunos contra alunos:

Bater na cabeça, puxar cabelo, dar coque, machucar gravemente, ferir, chutar, dar paulada, furar aluno com faca, dar socos e pontapés, quebrar o nariz, espancar, jogar tijolo na cabeça do outro, dar porrada, dar tapa na cara, dar murro nas costas, empurrar, dar pescoção, dar pontapé, jogar pedra no colega, cuspir na cara do colega.

Conforme Santos (2008), a violência psicológica pode ser definida como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima ou ao desenvolvimento da pessoa, inclui: ameaças, humilhações, chantagens, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, críticas, entre outras. A autora ainda afirma que apesar de ser bastante frequente, é difícil de ser identificada, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade, adoecer com mais facilidade e situações que se arrastam durante muito tempo, se agravadas, podem levar a pessoa a cometer suicídio

Além da violência praticada de aluno contra aluno, de acordo com Abramovay (2006), tal violência também pode ser desencadeada por professores, familiares, dentre outras pessoas. O que acontece em alguns casos é que na busca pelo exercício de autoridade o professor e/ou os pais, lançam mão de atitudes que humilha a criança, trazendo marcas profundas.

Essa questão provoca um clima tenso, o que conseqüentemente pode impedir o aluno de aprender de forma satisfatória. Isto torna claro que os atos violentos na escola não se limitam aos aspectos físicos, pelo contrário, estão

também presentes nas relações interpessoais perpassando pelo campo da emoção, da afetividade (ABRAMOVAY, 2006).

Segundo Azevedo e Guerra (1989), violências psicológicas também são estabelecidas quando, por exemplo, pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança bloqueando seus esforços de autoaceitação, causando grandes sofrimentos mentais. Portanto, para os autores, o abuso psicológico, privação emocional, chantagem emocional, abuso verbal são considerados violência psicológica nas relações pedagógicas e familiares.

Martins (1999) afirma que nos últimos anos, apesar do esforço, do investimento técnico pedagógico nas escolas, a incidência dos fatos revela o fracasso escolar. O autor ainda diz que a violência presente no interior das escolas demonstra os reflexos das questões sociais, os quais estão cada dia mais interiorizados na realidade escolar. No qual dificulta o cumprimento de sua finalidade maior, enquanto instituição educacional, que é a de contribuir na formação da cidadania dos brasileiros.

Desta forma, depois de entendermos o conceito de violência, o próximo capítulo abordará as possíveis causas da violência nas escolas, um importante estudo para que se compreenda as bases desse contexto.

ASPECTOS SOCIAIS E AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Haydt (2001) afirma que o relacionamento se constrói nas interações sociais. Segundo o autor, ao relacionar-se direto com adultos, amigos e educador, as crianças vão desenvolver uma postura social, cooperação e vivências em grupo, que são fatores importante no desenvolvimento afetivo-moral da criança.

O professor necessita ter conhecimento sobre o desenvolvimento social da criança, da realidade familiar e comunitária em que está inserida. Pois sem conhecer esses princípios básicos, o docente fará uma análise injusta acerca de suas vivências e do seu aprendizado (HAYDT, 2001).

De acordo com Silva (2010), a função escolar é a de transmitir aos seus educandos uma formação individual e grupal que os ajude em seu

desenvolvimento psicossocial. Cabe à escola promover discussões acerca dos problemas sociais que afetam a família e a instituição escolar.

Nessa pesquisa, Silva (2010) afirma que é possível perceber que por meio dessa reflexão, o sujeito-aluno pode romper com os desafios sociais, desenvolver sua habilidade social, rompendo com os desafios que desencadeia em si um descumprimento dos valores morais-éticos.

O papel da escola é fundamental na formação, valorização e transmissão dos valores morais e éticos de cada ser humano e, é também corresponsável na inserção desse sujeito à sociedade (SILVA, 2010).

Tosi (2001) em seu livro *A Didática Geral*, aponta o fator social como um dos aspectos que desencadeiam o não cumprimento dos direitos e deveres dos alunos dentro da sala de aula. Segundo a autora, os problemas sociais e econômicos, que o sujeito-aluno vivenciam no cotidiano vão instigá-los para a agitação em sala de aula. Tosi (2001, p. 36) afirma que as causas sociais têm reflexo no comportamento e vivências da criança, como

[...] agitação, greves, mudanças na estrutura econômica, desestruturação familiar, confissões religiosas, comunidades permissivas ou opressoras, modelos comportamentais apresentados pela TV, todos esses elementos, isoladamente ou no seu conjunto promovem fatalmente a indisciplina. É evidente que o professor não é responsável pela maioria dessas, e, igualmente, é evidente que também ele está sofrendo esses efeitos.

Esse conjunto de fatores, segundo a autora, são realidades presentes na vida dos alunos, da estrutura escolar e dos docentes. Cabe à escola, através de sua ação educativa, a cooperação na transmissão de valores culturais, contribuir na auto realização do sujeito-aluno, bem como sua inserção e adaptação à sociedade.

De acordo com Silva (2010) diante da complexidade que é discutir a (in)disciplina em sala de aula, pode-se dizer que existem fatores que interferem no descumprimento das normas por parte dos alunos. Dentre estes, pode-se citar: desequilíbrio emocional, problemas sociais, relacionamento família-escola e a ausência do coletivo no corpo docente.

Segundo Debarbieux (1998 apud ABRAMOVAY; RUA, 2003), a escola está mais vulnerável a fatores externos, como desemprego e a precariedade da

vida das famílias nos bairros pobres. Ele menciona ainda o impacto da massificação do acesso à escola, que passa a receber jovens afetados por experiência de exclusão e de participação em gangues.

Para Colombier, Mangel e Perdriault (1989), devido ao aumento da violência, algumas famílias passam para a escola a responsabilidade de educar seus filhos. O autor também ressalta que em uma sociedade em que o importante é somente lucros, a desigualdade cresce exageradamente, fazendo surgir a violência gerada pela insegurança.

Com uma sociedade insegura como a que vivemos, a violência gerada nas escolas, devido a um contexto institucionalizado, está virando uma epidemia. Vale lembrar que a escola reproduz, repete e também reflete todos os aspectos da sociedade, sendo eles positivos ou negativos (COLOMBIER; MANGEL; PERDRIault, 1989).

Uma das principais causas da violência nas escolas são reproduções de ambientes violentos, como por exemplo: presença de discussões familiares, ausência dos pais ou responsáveis, falta de afeto, desemprego, pobreza, falta das políticas públicas, violência presentes nos meios de comunicação (televisão, celular, filmes, desenhos, redes sociais e até mesmo nos videogames), violência sexual, falta de empatia, entre outros. São formas que encontram de manifestar, uma vez que as crianças reproduzem o que veem ou o que lhes é ensinado (BARBIERI; SANTOS; AVELINO, 2021, p. 3).

Além desses aspectos sociais, traços caracterológicos aparecem com frequência em indivíduos considerados muito agressivos ou violentos. Tais indivíduos apresentam baixa autoestima, inabilidade no autodomínio e deficiente controle de seus impulsos (OSÓRIO, 2000).

Debarbieux (2001), aborda que violências no ambiente escolar, também são fruto de micro violências cotidianas como: empurrar, cutucar, movimentar-se pela sala, falar enquanto a professora fala, gritar, brincar com papel, rir, entre outros eventos recorrentes em sala de aula, é a atitude que leva à confusão, e a não intervenção leva a um comportamento agressivo mais grave.

Esses comportamentos também são chamados de desrespeito ou indisciplina, manifestações perturbadoras em que o aprendizado é interrompido e o desrespeito nos faz pensar em micro violência (DEBARBIEUX, 2001).

Marchetto (2009) afirma que os alunos praticam esses comportamentos pensando que eles não têm consequências, que é quando punições ou recompensas são usadas. Souza (2008) relata que quando o aluno não encontra significado ou referência ao seu universo durante o processo de aprendizagem, acabam por encontrar formas de engajamento errôneas, gerando indisciplina e comportamentos inadequados, confrontando professores e gestores em graus de violência diversos.

Logo, as causas da crescente violência nas escolas são multifatoriais e por isso não será solucionada com fórmulas mágicas ou ações rasas (Souza, 2008). Passos (1996) nos esclarece que é necessário que o professor entenda todos os aspectos históricos, econômicos e culturais da sociedade, principalmente do seu aluno dentro do âmbito escolar. Sociedade e educação caminham juntas, uma necessita da outra para se sustentar, visto que todos nós precisamos de uma boa educação para nos relacionarmos.

Assim como foi necessário entender a influência dos aspectos sociais e as causas da violência escolar, também é importante compreender sobre a influência da relação família-professor-aluno neste mesmo contexto, assunto abordado no próximo capítulo.

RELAÇÃO FAMÍLIA-PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a educação é um dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) trazem a fórmula mais adequada para o combate à violência nas escolas: o envolvimento dos alunos, de suas famílias e da comunidade, com sua integração cada vez maior ao

ambiente escolar e participação efetiva no debate acerca dos problemas relacionados à escola e em sua solução.

Piaget (1994) afirma que até aos sete anos de idade da criança, a família é responsável pela educação afetiva-moral. Dentro desse pensamento, a família educa e a escola não deve desconsiderar as experiências diárias dos seus educandos.

Perin e Cordeiro (2002) apontam que a sociedade vive uma crise de valores morais e éticos, pode-se dizer que a família vive situações conflitantes, e por vezes interfere negativamente na formação dos conceitos ético-moral das crianças. Os autores Perin e Cordeiro (2002, p.13) afirmam que

A sociedade do séc. XXI vive um período de crise ética, que no Brasil está constantemente retratada principalmente no campo da política quando vêm à tona casos de corrupção, desvio de dinheiro públicos, má distribuição de renda e indiferença dos governantes à classe trabalhista, acentuando o desemprego e o subemprego. Crise econômica, o consumismo, a competição exacerbada no mercado de trabalho e os valores invertidos são os principais fatores de desagregação familiar.

A pesquisa de Silva (2010) assinala que o perfil familiar tem mudado, a estrutura de família, pai, mãe e filhos, já não é única, existem outros modelos familiares nos quais as crianças estão sendo educadas. O autor ainda aborda que se esse ambiente não for propício ao seu desenvolvimento, o ser humano poderá ter um comportamento alterado, gerando assim uma (in)disciplina na sua escolarização.

De acordo com Branden (1994), cabe ressaltar que a família deve estabelecer os princípios sociais e éticos no âmbito familiar. Para que ela possa apropriar desse conhecimento sociofamiliar, as relações entre pais e filhos devem ser pautadas em amor, respeito e diálogo. Sabe-se que na convivência harmoniosa os filhos vão perceber a segurança de seus pais, e sentir-se-ão competentes diante dos obstáculos. Branden (1994, p.37) ainda diz que:

A autoestima fortalece, dá energia e motivação. Ela nos inspira a obter resultados e nos permite sentir prazer e orgulho diante de nossas realizações. Ela nos abre a possibilidade de sentir satisfeito. Assim a criança aprende mais por experiência do que por erro, mais por prazer do que pelo sofrimento, mais pela experiência do que pela

sugestão e a dissertação, e mais por sugestão do que por direção. Dia a dia a criança passa, a saber, um pouco mais do que você sabe, um pouco mais do que você pensa e entende. Aquilo que você sonha e crê é, na verdade o que essa criança está se tornando.

No decorrer da pesquisa de Silva (2010), constata-se o que é evidente na citação acima, pois a autoestima é essencial à vida do ser humano, sendo ela a grande responsável em fortalecer e motivar o indivíduo a buscar o seu ideal de vida. Por isso é que a família tenha uma postura positiva nas relações interpessoais, pois a criança em seu desenvolvimento irá absorver atitudes e hábitos do ambiente familiar.

Silva (2010) afirma que dentro de um relacionamento familiar saudável, a criança vai desenvolver uma postura consciente, mas se o ambiente não for construído com amor, respeito mútuo e diálogo, essa, sentirá dificuldades em seu desenvolvimento afetivo e moral, desencadeando atitudes e ações contrárias em seu processo sócio moral.

A autora ainda ressalta que a família ensina a viver em sociedade, é importante que as crianças sejam sociáveis e desenvolvam a socialização. Pode-se dizer que as boas maneiras vêm do convívio familiar e vão se fortificando nas relações sociais na escola.

Para Rego (1995) a família é vista como o primeiro contexto de socialização, as ações das crianças são o reflexo das atitudes familiares, bem como a prática da criação e do educar. Esses exemplos familiares interferem na formação educacional e podem influenciar a (in)disciplina na vida da criança. A autora ainda diz que a formação educacional familiar, é importante e provoca um impacto no desenvolvimento cognitivo, afetivo-moral sobre o sujeito aluno.

Todavia, faz-se necessário que a escola continue este processo de socialização que a família começa em casa, daí surge a importância de uma boa relação família-professor-aluno. Segundo Paulo Freire (1987), a escola já não pode continuar ensinando somente a ler, escrever e repetir, já não pode adotar a postura de uma educação bancária, é necessário atuar na sociedade de forma global, na formação de cidadãos conscientes e, antes de tudo, solidários.

Freire (1980) chama nossa atenção para a comprovação de superioridade que está presente no contexto escolar, principalmente por parte dos educadores.

Dessa maneira, na visão do autor, infelizmente muitos educadores veem o aluno como um sujeito inserido em uma educação bancária, em que a criança ou o adolescente é visto como um sujeito sem luz e o professor como o detentor do conhecimento. Nessa concepção cunhada por Freire (1980), o professor coloca-se em uma posição de possuir todo saber, enquanto os alunos ficam condicionados a um silêncio absoluto.

O relacionamento em sala de aula não se constrói isolado, esse deve incluir os alunos nas discussões e tomadas de decisões. O autor ainda firma que somente ações coletivas e planejadas podem produzir alguma transformação significativa nas relações sociais e no sistema de ensino escolar (SILVA, 2010).

No meio dos professores faz-se necessário buscar ações coletivas primeiramente no grupo docente. Pois quando a coletividade for realidade dentro da escola, as ações terão significado no relacionamento afetivo-moral entre educadores-educando e os demais funcionários na escola (SILVA, 2010). Desse modo,

A escola é grande aliada na luta contra a violência, seja ela a doméstica ou não, uma vez que proporciona às crianças e a seus pais instrumentos e habilidades para a negociação de conflitos, além de ter contato mais próximo com estudantes; assim, tem possibilidades para perceber se alguma coisa não está bem na dinâmica familiar. Percebe-se, porém, que, na maioria dos casos, a escola, além de ter a violência arraigada em sua cultura, não utiliza parcerias, deixando crianças e adolescentes à mercê de novas agressões. Vários estudos indicam que um maior envolvimento familiar impacta positivamente no engajamento dos jovens nas atividades escolares (SANTOS; SOUZA, 2021, p. 4).

De acordo com Camargo (2022), para o enfrentamento da violência escolar, é importante a realização de um trabalho com a participação de outros profissionais, como psicólogos e assistentes sociais. Neste sentido, é sugerido que as escolas invistam em parcerias com equipes interdisciplinares da rede básica e intersetorial (educação, saúde, cultura, esporte, assistência social, segurança pública), para um trabalho junto às famílias, alunos e comunidade.

Nesse contexto, é preciso buscar estratégias nestas parcerias, como investir no fortalecimento dos vínculos, afetos e, sobretudo, no estímulo ao diálogo como recurso para uma convivência saudável. Escolas constituem-se

como espaços privilegiados para debates sobre direitos humanos e combate à violência e não apenas para ensinar conteúdos acadêmicos (CAMARGO, 2022).

Para complementar estas estratégias, segundo Rosa (2010), as famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, relação com professores e colegas, cumprimento das atividades, respeito ao próximo, frequência às aulas, contato com a direção da escola e professores, vigiar amizades, é preciso estar a par da situação. Afinal, ainda de acordo com a autora, se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado neste trabalho, entende-se que a violência se manifesta de diferentes formas no contexto escolar. Esta pesquisa possibilitou o estudo sobre a violência física e psicológica na escola, compreendendo seu conceito, os aspectos sociais e suas causas, bem como o papel da família e escola/professor nesse contexto.

Tendo em vista o objetivo geral proposto, a violência escolar causa uma série de impactos na vida social e acadêmica dos alunos, podendo ocasionar baixa autoestima, estresse, ansiedade e perda de interesse pelas atividades escolares. Os alunos que vivenciam a violência escolar demonstram desinteresse pelas aulas, desenvolvendo comportamentos antissociais, gerando alto índice de repetência e evasão escolar, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem e, portanto, dificultando a inserção no mercado de trabalho.

Nota-se que a violência psicológica, se comparada à física, demora mais para apresentar sinais, dificultando que outras pessoas identifiquem o problema, sendo que muitos podem considerar apenas brincadeira ou frescura. Os alunos afetados pela violência têm grandes riscos de desenvolver graves problemas psicológicos, como depressão, transtorno do pânico e até ideação suicida.

Embora este trabalho busque compreender o impacto da violência nos alunos, vale ressaltar que o desempenho profissional e a qualidade de vida dos professores também podem ser afetados pela vivência escolar. É frequente

desenvolver transtornos mentais comuns, apresentando prejuízos nas atividades como educador, bem como o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

Faz-se necessário que a instituição escolar conheça as potencialidades de cada aluno e professor, a fim de possibilitar o desenvolvimento de sua identidade e autonomia. Juntamente à comunidade escolar, repensar seus papéis e proporem estratégias para minimizar a violência na escola.

Espera-se, portanto, que as informações presentes neste trabalho tenham contribuído aos leitores para o entendimento dos impactos desta forma de violência. Por conseguinte, sustentamos a necessidade de pesquisas futuras sobre a violência em âmbito escolar, principalmente, sobre a necessidade da atuação de psicólogos e assistentes sociais nas escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das Escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.

_____. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESC, 2002.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas** (Versão resumida). Brasília: Unesco, 2003.

ARAÚJO, U. F.; GARCIA, J. R. Violência escolar: concepções e formas de enfrentamento. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 2, p. 418-429, 2019.

ARRÚA, A. L. A. et al. Violência escolar. **Psicologia & Saberes**, v. 8, n. 10, Maceió, 2019.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Vitimação e vitimização: questões conceituais**. São Paulo: Iglu, 1989.

BARBIERI, B. C.; SANTOS, N. E.; AVELINOS, W. F. Violência escolar: uma percepção social. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 7, Rio de Janeiro, 2021.

BARBOSA, J. C. et al. **A violência escolar**: diagnóstico e propostas de solução. Brasília: ICPD; CEUB, 2021, 108 p. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15597/1/Ebook%20Viol%C3%Aancia%20Escolar.pdf>> Acesso em: 10 maio 2023.

BRANDEN, N. **O poder da auto-estima**. 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL.

_____. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente e de outras providências. BRASIL.

CAMARGO, N. T. et al. Representações sociais dos impactos da violência escolar no trabalho docente. **REFACS**, v. 10, n. 3, Uberada, 2022. Disponível em:
<<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/5639/6305>> Acesso em: 15 maio 2023.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas e políticas públicas**. DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (orgs.), Brasília: UNESCO, 2001.

DUARTE, M. M. A violência na escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 5-23, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n13/n13a02.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010, 2222 p.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HAYDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCHETTO, G. L. A. **Educação para a paz: um caminho necessário**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTINS, J. A. Educação e fracasso escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Pesquisa**, v. 107, 173-190, 1999.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **A violência na escola**: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola. Canoas: ULBRA, 2000.

PASSOS, L. F. **A indisciplina e o cotidiano escolar**: novas abordagens, novos significados. 4º. ed. São Paulo: Summus, 1996.

PERALVA, A. **Democracia, violência e modernização por baixo**. São Paulo: Cedec, 1997.

Perin, E. S.; CORDEIRO, M. V. C. **A indisciplina na escola do Século XXI**. Ponta Grossa, 2002.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. (Tradução: Elzon Lenardon) São Paulo: Summus, 4ª ed, 1994.

REGO, T. C. R. **Vygostky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **GEPIADDE**, v. 8, Itabaiana, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1785/1574>> Acesso em: 15 maio 2023.

SANTOS, J. C. **A violência psicológica entre professor e aluno**. Salvador, 2008, 38 p. Monografia (curso de Pedagogia), Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32638/1/JAQUELINE%20CORREIA%20DOS%20SANTOS.pdf>> Acesso em 10 maio 2023.

SANTOS, D. O.; SOUZA, J. C. S. Educação como prevenção à violência. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 22, 2021.

SILVA, C. G. P. **Indisciplina Escolar**: relacionamento docente-discente no desenvolvimento afetivo-moral nas séries iniciais. Pesquisa apresentada ao Centro Universitário Metodista, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, M. R. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, Aparecida de Goiânia, p. 119-135, 2008.

TOMKIEWICZ, S. J. Crianças em risco: Abuso físico e negligência. In: BERTERO, G. E.; PIRES, S. M. (org.). **Crianças e adolescentes em risco: Uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 307-327.

TOSI, M. R. **Didática geral: um olhar para o futuro**. 2ª ed. São Paulo, Editora Alínea, 2001.